A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

VANESSA REIS MENEZES

RESUMO

A contação de histórias é uma das atividades mais importantes do currículo pré-escolar, devendo ser uma prática diária. Sua apresentação deve ser diversificada, visando enriquecer a vivência da criança, proporcionando-lhe contato com diversos tipos de recursos. Neste estudo de abordagem qualitativa inserida na linha de pesquisa Metodologia de ensino, cujo tema – O Papel da Contação de histórias para o desenvolvimento de crianças de zero a três anos de idade –, refletiu-se sobre a temática: - qual a contribuição da escola e da família nesse processo? Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa de revisão bibliográfica. O objetivo principal foi refletir sobre o tema em questão, para obter embasamento teórico para aprimorar a prática pedagógica. Objetivou-se também discorrer sobre o envolvimento da família neste contexto. Por meio desta pesquisa, foi possível constatar a relevância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança e que elas devem ouvir histórias desde os primeiros meses de vida, sendo o papel da família na transmissão do valor social da leitura fundamental. A família deve incentivar a leitura como uma construção do apreço pela leitura, pois no ambiente familiar torna-se mais acessível para o leitor compreender o mundo.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura, Educação Infantil, História, Família, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o ato de narrar histórias nas escolas era visto apenas como uma maneira de divertir, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições essa ideia persiste. No entanto, no século XXI, a presença do Narrador de Histórias ou do Professor/Narrador de Histórias tem ganhado destaque, sendo reconhecida por sua importância tanto no âmbito educacional quanto emocional das crianças. Eles não só estão presentes em bibliotecas, feiras de livros e livrarias, mas também nas escolas. Esse hábito antigo, parte da tradição oral, está sendo resgatado pela educação como uma estratégia vital para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. A formação do leitor, nesse contexto, inicia-se com a atividade fundamental de escutar e recontar histórias.

Dessa maneira, sugestões de treinamento e programas de desenvolvimento de professores vêm incorporando em seus métodos a orientação para o exercício da narração de histórias.

Segundo diversos pesquisadores, a narração de histórias é uma ferramenta valiosa no cotidiano educacional de professores que atuam com crianças na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental.

As histórias incentivam a imaginação e a criatividade, estimulam a comunicação oral, facilitam o processo de aprendizagem, auxiliam no desenvolvimento das linguagens oral, escrita e visual, promovem o gosto pela leitura, favorecem a movimentação do corpo, colaboram com o senso crítico, estimulam brincadeiras imaginativas, valores e conceitos, ajudam na formação da identidade da criança, promovem a interação social e afetiva e exploram a diversidade cultural.

DESENVOLVIMENTO

Na antiguidade, a contação oral de histórias era frequentemente vista como uma forma inferior à escrita. No entanto, os povos se reuniam ao redor da fogueira para compartilhar suas lendas e contos, disseminando assim sua cultura e costumes.

Reunir-se para ouvir histórias era uma prática comum, ainda que por vezes fosse considerada uma atividade para pessoas simples, o que explica a rejeição que essa prática enfrentou ao longo do tempo pela sociedade. Essas histórias, pertencentes ao imaginário popular e à memória coletiva, eram destinadas a ouvintes de todas as idades, incluindo adultos e crianças que não tinham acesso à leitura.

Como observou Malba Tahan (1966, p.24), "até os dias atuais, todos os povos, civilizados ou não, têm utilizado a história como meio de transmitir verdades eternas, pre-

servar suas tradições ou disseminar ideias inovadoras".
Com o tempo, o homem percebeu que a contação de histórias não apenas entretinha, mas também despertava admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se, então, o centro das atenções populares devido ao prazer proporcionado por suas narrativas.
A literatura infantil torna-se fundamental para a aquisição de conhecimentos, recreação, informação e interação, necessários ao ato de ler. Neste sentido é de grande importância a aplicação coerente de atividades que despertem o prazer de ler, e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças, desde bebês. Segundo Silva (1992) "bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento.
Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos poderá ser uma excelente conquista para toda a vida." (SILVA, 1992, p.57). Coelho (2000) afirma que a literatura foi vinculada, desde a sua origem, como instrumento moderador de transmissão de valores e normas sociais.
Assim, a linguagem literária assume seu papel desde os primórdios da civilização, que é a linguagem da representação, linguagem imagística como nenhuma outra tem a capacidade de concretizar o abstrato e educar pelo exemplo. Coelho (2000) acredita que as particularidades da natureza da literatura infantil são as mesmas da que se destinam aos adultos, tendo como diferença apenas a natureza do seu leitor/receptor: a criança, com linguagem adequada para esse público.
O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. "À medida que vai crescendo, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada.
É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas e mais detalhadas" (CRAIDY; KAERCHER, 2001. p.87). As histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade e compreenda melhor as relações familiares.
Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir histórias é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros. Assim, Bakhtin (1992) discorre sobre a literatura infantil abordando que por ser instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. Portanto garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação. [...] é sempre bom lembrar que a literatura é arte.

Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão, para de algum modo, dar sentido a nossa existência. Se nós, na nossa prática cotidiana, deixarmos um espaço para que esta forma de manifestação artística nos conquiste seremos, com certeza, mais plenos de sentido, mais enriquecidos e mais felizes. (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 87).

Segundo a escritora Abramovich (2009) a história é um grande e importante instrumento da imaginação. Por meio da história a criança constrói a autoidentificação, que permite uma melhor aceitação de situações que não lhe agradam e ajuda a resolver conflitos. Todas as pessoas, sem distinção, apreciam as histórias. Neste sentido é importante retornar ao pensamento de Abramovich (2009) que destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias e comenta que esta estratégia é que formará o futuro leitor. Segundo a referida autora a contação de histórias tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual. Quando a criança desenvolve interesse pela leitura, sua imaginação seja estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com as demais crianças e na interação sociocultural; ajuda, também, no seu desenvolvimento como um todo.
É relevante citar Lajolo (2002) e Craidy; Kaercher (2001), ao falarem dos livros infantis atuais, cheios de ilustrações, recursos gráficos dos mais variados, materiais diversos e estilos diversificados.
Este importante recurso didático é portador de histórias tradicionais ou contos moder-

nos, sendo capaz de prender a atenção do pequeno leitor e abrir portas para o universo mágico e misterioso da leitura.
Como resultado, alcançaria inúmeras e importantes aprendizagens, ao passo que ajuda a despertar o gosto pelo ato de ler e consequentemente auxilia no processo não só de alfabetização, mas letramento do indivíduo.
Portanto, todo tipo de produção literária que possa ser, de alguma forma, compreendida pela criança, deve estar sempre entre os recursos de estimulação do seu desenvolvimento, pois convivendo com estilos literários variados, a criança terá oportunidade de descobrir quais os seus interesses, de diversifica-los aproveitando a riqueza que cada um pode lhe oferecer e ter garantida a motivação para fazer do ato de ler uma fonte de conhecimento e prazer.
Vários estudos envolvendo a literatura infantil já foram realizados e com enfoques bem distintos. No entanto percebe-se que na área de educação, em relação à literatura, existem poucos estudos que privilegiam a família enquanto lugar no desenvolvimento da criança.
De acordo com Vieira (2004), o papel da família na transmissão do valor social da leitura é imprescindível. A família deve promover o ato de ler como construção do gosto pela leitura, pois no âmbito familiar torna-se mais fácil para o leitor a compreensão do mundo.
Segundo as autoras, Otte, Kovais (2003), as famílias, no passado reservavam um bom tempo para compartilhar as experiências do dia a dia e as crianças se uniam ao redor dos membros da família para escutar suas histórias.
Na atualidade, o que se observa nas casas são muitos meios de comunicação que prendem a atenção de crianças e adultos.
Se por um lado esta nova experiência possui lados positivos, como a ampliação do conhecimento e maior acesso a diversas informações, por outro lado o uso em excesso da televisão, do celular e da internet tem como consequência o afastamento da família e, de acordo com as autoras, isso acarreta o individualismo.
Ademais, outra consequência que se deve citar é a diminuição da capacidade imaginativa das crianças. Na opinião de Caruso (2003), além dos meios de comunicação, a família da atualidade enfrenta o problema do excesso de atividades como natação, ginástica, inglês e lição de casas.
Este excesso tem deixado as crianças sem tempo até para ler um livro. Os adultos também estão sendo afetados por estas rotinas diárias. Dessa forma, as crianças afastam-se da leitura de livros de literatura infantil, agentes importantes na formação de leitores ativos no processo de leitura e escrita.
Nessa perspectiva, o resgate da leitura de livros de literatura infantil para crianças de zero a três anos, é muito importante, pois, já que é nessa fase se constrói a necessidade pela leitura e se formam a personalidade e atitudes de um futuro adulto leitor.
A leitura, frequente, na infância, também, contribuirá de forma direta para o sucesso no processo de aquisição da escrita.
Fachinni (2009) pesquisou sobre a literatura infantil com o objetivo de promover situações de leitura para crianças com faixa etária entre seis meses e três anos de idade, incentivando a participação da família no processo de mediação da criança e o livro.
A autora apresentou resultados parciais do projeto "Bebeteca: mediação pedagógica e animação cultural" que indicam que, ao compartilhar de uma leitura, o bebê recebe uma dupla mensagem de apreço. O apreço pessoal é o que dá a certeza de que alguém lhe quer bem, e o apreço pela leitura é a percepção de que ler faz bem. Nesse projeto a autora mostra a importância que dá aos bebês e às suas famílias.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Durante muito tempo, a prática de contar histórias foi predominantemente oral: narrativas, sejam reais ou inventadas, eram transmitidas de boca em boca. Na Idade Média, os contadores de histórias eram altamente respeitados em todas as comunidades que visitavam. Os trovadores, por exemplo, ganhavam acesso aos palácios e vilarejos ao compartilharem histórias populares.
Com o surgimento da escrita, as histórias escritas passaram a coexistir com as histórias orais. A literatura, como relatos de eventos imaginados (ficção), passou a acompanhar a história propriamente dita, que descreve

eventos presumivelmente reais. A literatura infantil tem suas raízes nos contos populares, evidenciando que a contação de histórias é a base da literatura.
A contação de histórias foi usada como meio de disseminação das doutrinas religiosas budistas, e até hoje, na medicina hindu, oferecer uma história a pacientes desorientados é considerado um método relevante, levando em conta as questões psíquicas do paciente. No Oriente Médio, encontramos narradores profissionais de contos de fadas, e coleções extensas de contos de fadas indianos e turcos fazem parte da educação dos jovens príncipes.
No século passado, porém, o advento do audiovisual marcou uma mudança significativa. O cinema, a televisão, o computador e, mais tarde, a multimídia, transformaram a maneira como as histórias eram contadas. O contar histórias no século XX não se baseava mais exclusivamente na palavra, oral ou escrita, embora esta continue sendo de extrema importância. As imagens se tornaram ingredientes indispensáveis das narrativas. Agora, não apenas ouvimos ou lemos histórias, mas também as assistimos em sua representação audiovisual.
Seja criança ou adulto, rico ou pobre, sábio ou ignorante, todos apreciam histórias envolventes, que tenham vida e sejam capazes de prender a atenção. Como observou Malba Tahan (1966, p.16), "a história narrada, lida, filmada ou dramatizada circula por todo o mundo, vive em todos os climas. Não existe povo que não se orgulhe de suas histórias, lendas e contos característicos.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

A contação de histórias remonta a tempos antigos, quando as narrativas eram transmitidas oralmente, formando uma tradição rica e respeitada. Na Idade Média, os contadores de histórias, como os trovadores, desfrutavam de prestígio ao compartilhar contos populares em comunidades diversas. Com o advento da escrita, as histórias orais coexistiram com as escritas, marcando o início da literatura como a conhecemos. A literatura infantil, enraizada nos contos populares, revela a contação de histórias como a essência da literatura.
A contação de histórias transcendeu fronteiras culturais, sendo utilizada para disseminar doutrinas religiosas e até mesmo como método terapêutico na medicina hindu. No Oriente Médio, narradores profissionais encantavam com contos de fadas, enquanto coleções indianas e turcas faziam parte da educação dos jovens.
No século passado, a ascensão do audiovisual transformou a narrativa, incorporando imagens e tecnologia às histórias. A história, agora, é contada não apenas oralmente ou por escrito, mas também visualmente.
Independentemente de idade ou origem, todos apreciam uma boa história, como observado por Malba Tahan: 'Não existe povo que não se orgulhe de suas histórias'. A contação de histórias na educação infantil e fundamental se revela como uma estratégia pedagógica essencial.
A escuta de histórias estimula a imaginação, desenvolve habilidades cognitivas e promove o letramento. As narrativas oferecem uma estrutura gramatical que facilita a compreensão textual e incentiva a expressão criativa das crianças.
A literatura infantil não apenas ensina a ler, mas também instiga a pensar, criar e refletir sobre questões éticas e sociais. Em um mundo moderno, permeado por tecnologia e estímulos variados, a contação de histórias continua sendo vital para o desenvolvimento das crianças, oferecendo uma conexão entre o passado e o presente, entre a cultura e a imaginação.
O epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), já dizia que quando a criança entra contato com experiências novas ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba inserindo esses conteúdos as estruturas cognitivas que possuía anteriormente, construindo significados e assim aumentando o seu conhecimento, somando o novo ao que já vivenciou, ao considerarmos o condicionamento mental infantil, o ideal e que a criança repita a história que acabou de ouvir, que ela tenha a oportunidade de dar outro final, altere, modifique a história que foi contada, quando a criança narra um conto estabelece uma relação entre fantasia e realidade.
Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças.

Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor.

Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo (RCNEI, VOL. 3, p.144).

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científica, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações em que o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive.

A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil. Há gerações isto vem sendo negado onde se legitimam apenas os contos de origem europeia.

Para o professor da pedagogia hospitalar a contação de histórias é uma excelente ferramenta. A criança sofre com a hospitalização, se sente afastada do meio social e pouco à vontade para expressar a sua ludicidade, característica inerente a ela. Narrar histórias infantis nos hospitais como um dos instrumentos do tratamento total oferecido à criança internada, propicia melhora psíquica e/ou física.

Permitindo devolver a fantasia, contar história e uma atividade prazerosa e sadia que ameniza a condição de enfermidade dando maiores condições para médicos, enfermeiros, psicólogos, recreacionistas, terapeutas, professores e acompanhantes responderem as necessidades lúdicas da criança hospitalizada.

O PROFESSOR/CONTADOR DE HISTÓRIAS, AS TÉCNICAS E OS RECURSOS UTILIZADOS NAS CONTAÇÕES

Aspectos devem ser considerados para o sucesso da contação de histórias em sala de aula. Como espaço físico adequado, expressões e gestos utilizados pelo professor/contador, de forma a imitar os personagens; o ambiente deve ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas, com crianças agrupadas, a preparação de um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias, um avental com velcro onde os personagens possam ser fixados, fantoches ou dedoches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos.

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos.

O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula.

Neste contexto também a música, tem o poder de alterar o comportamento incentivando a realização das atividades com prazer, diversas são as músicas infantis que podem ser trabalhadas nas diferentes modalidades e estratégias educacionais.

A educação ganha força ao aliar-se a expressão oral, expressão plástica e as emoções. Para a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich os cuidados

e preparos do professor/contador de histórias se referem a:
1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
2. Conhecer detalhadamente a história que contará;
3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige;
4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;
5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler;
6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo. Segundo a escritora, mediadora em projetos de oralidade, leitura e literatura infanto-juvenil e narradora oral de histórias, Cléo Busatto, o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto.

Salienta a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo. A postura corporal do professor/contador sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do jeito de ser e funcionar naturalmente o educador.

O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal, possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

Cléo Busatto, porém, aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para a ligação entre o professor/contador e as crianças através do contato visual, olho no olho. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, fazendo deste, parte da narração.

O olhar projetado para a criança, além de acontecer enquanto se fala prendendo sua atenção, também pode preencher um silêncio, levando a criança a ter expectativa e interesse para o que será dito logo em seguida, deixando espaço para a imaginação agir. É interessante levar as crianças a participarem da contação, essa energia infantil deve ser direcionada e aproveitada no contexto da história, ficando os alunos incumbidos de fazer o toque de uma campainha ou outra onomatopeia qualquer, esses recursos interativos convidam a criança a ser uma ouvinte ativa e não passiva.

No momento da narração da história o professor/contador de histórias necessita de uma diversidade de material (contos maravilhosos, fabulas, lendas, mitos, poesias, adivinhas e livros de imagens) adequado a sua faixa etária. Antes de iniciar uma fábula, declamar uma poesia, pedir licença para atender uma ligação imaginaria de um personagem folclórico, enfim transitar pelos gêneros proporciona dinamismo e empolgação na hora da narração, prende a atenção dos alunos e leva-os a conhecerem novos gêneros textuais.

Os contos tradicionais, como os contos de fadas – com linguagem simbólica, auxiliam a criança nos seus momentos de angústia e insegurança emocional, trazendo conforto e restaurando a confiança a partir da resolução com um final feliz. A literatura educa através dos contos e historietas moralizantes tradicionais que ainda são encontradas em livros didáticos e alguns livros de crianças, mesmo que às vezes disfarçados. Os contos modernos são narrativas originais criadas por autores contemporâneos que trazem uma renovação do universo maravilhoso, abordam o cotidiano das crianças, desde as situações mais comuns até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nossa época e com os quais estes estão em contato. O livro de imagens é outro recurso da contação de histórias, sendo que este nos traz histórias narradas por meio de imagens não utilizando o texto verbal, uma forma de literatura infantil pouco explorada. As imagens são narrativas com conteúdo de des-

crição e ação ao contrário das ilustrações decorativas dos livros infantis, com muitos detalhes da história, entre uma imagem e outra, que devem ser imaginados pelo leitor ou contador, com passagem de tempo e mudanças espaciais importantes destacando-se o gestual das personagens e tudo que for indicador de ação e movimento para que a história possa ser bem compreendida.

Um trabalho com crianças apontando ou levando-as a descobrir esses elementos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, aspectos dos personagens etc.; conduzirá a leitura da imagem, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de observação, análise comparação, classificação, levantamento de hipótese, síntese e raciocínio.

Ler a história antes de contá-la as crianças é um cuidado do contador para averiguar do que trata se é engraçada, triste, séria e qual a entonação que usará. Segundo Busatto (2003) narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática pedagógica rica e multifacetada, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. Ao longo deste texto, exploramos diversos aspectos que contribuem para o sucesso dessa atividade em sala de aula, desde a preparação do ambiente físico até a escolha adequada do material e a postura do professor/contador.

É importante ressaltar que a contação de histórias vai além de simplesmente narrar um enredo; ela envolve a criação de um ambiente acolhedor e estimulante, onde as crianças se sintam confortáveis para explorar sua imaginação e expressar suas emoções. O uso de recursos visuais, gestuais e sonoros, como fantoches, música e variação na entonação da voz, amplia o impacto da narrativa e mantém o interesse dos ouvintes.

Além disso, a contação de histórias oferece inúmeras oportunidades para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, da criatividade, da capacidade de análise e interpretação, bem como para a promoção de valores éticos e morais. Ao escolher cuidadosamente as histórias a serem contadas e ao conduzir discussões reflexivas após a narrativa, o professor pode incentivar o pensamento crítico e a construção de significados pelos alunos.

A formação literária do professor é outro aspecto essencial, pois permite uma seleção criteriosa do material a ser utilizado, bem como uma narração envolvente e cativante. O professor deve estar sensibilizado com a importância da contação de histórias e buscar constantemente aprimorar suas habilidades nessa área.

Por fim, a contação de histórias deve ser vista como uma prática contínua e integrada ao currículo escolar, desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental. Ao proporcionar momentos de imaginação, criatividade e reflexão, a contação de histórias contribui significativamente para a formação integral das crianças, preparando-as para enfrentar os desafios do mundo de maneira mais crítica, sensível e empática.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO E. C., Mattos M. Letramento e leitura da literatura. Brasília: MEC, Secretaria de Educação à Distância; 2003. Leitura da literatura: as narrativas da tradição; p.16-23.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Abril, 1995.

BARBOSA, Ana Rita de Cássia Santos. Alfabetizando e desenvolvendo competências linguísticas a partir do conto de estórias. Revista Faced, Salvador, n.14, p.27-37, jul./dez.2008.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. Referencial Curricular Nacional para Educação

Infantil Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GADOTTI, Moacir. O que é ler? Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GASPAR, Antônio C. C., DAMASCENO, Daisy H. S. A transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Col. Educativa Especial – Educativa a revista do professor. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, n.05.

LEMOS, Simone A. Nepomuceno. Linguagem e infância: a Literatura Infantil no processo de desenvolvimento da criança pequena. Revista Cientifica Aprender, Varginha, n.3, set/2009.

MAINARDES, Rita de Cássia M. (2007/2008). A arte de contar histórias: Uma estratégia para a formação de leitores. Dia-a-dia Educação – Portal Educacional do Estado do Paraná.

MORENO, Leonel de Alencar. O lúdico e a contação de histórias na educação infantil, Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.10, n.97p.228-241, jul./dez.2009.

NEDER, Divina. L. de S. M., (org.). A importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.01, n.01, p.61-64, jan./jun.2009.